

Caligrafia



Caligrafia

Exemplo: Um ijazah otomano escrito em árabe que atesta a competência de sua caligrafia, 1206 Calendário islâmico/1791 A.D..

Caligrafia (do grego κάλλος kalli "beleza" + γραφή graphē "escrita") é um tipo de arte visual. É muitas vezes chamada de a "arte da escrita bela". Uma definição contemporânea da prática caligráfica é "a arte de dar forma aos sinais de uma maneira expressiva, harmoniosa e habilidosa". A história da escrita é uma evolução estética enquadrada dentro das competências técnicas, velocidade de transmissão(ões) e as limitações materiais das diferentes pessoas, épocas e lugares. Um estilo de escrita é definido como sistema de escrita, caligrafia ou alfabeto.

A caligrafia moderna varia de inscrições funcionais até criações utilitárias para magníficas obras de arte, onde a expressão abstrata pode tornar-se mais importante do que a legibilidade das letras. A caligrafia clássica difere da tipografia e da escrita manual não clássica, apesar de um calígrafo ser capaz de criar todos estes; os caracteres são historicamente disciplinados e ainda fluíam espontaneamente, no momento da escrita.

A caligrafia ainda costuma ser utilizada principalmente em convites de casamento e eventos importantes, no design de fontes, de logótipos, na arte sacra, no design gráfico, nos anúncios, em inscrições em pedra e em documentos memoriais. A caligrafia é também utilizada em propriedade teatral, em imagens em movimento para cinema e televisão, em certidões de nascimento e de óbito, em mapas e em outros trabalhos envolvendo a escrita. Alguns dos melhores trabalhos da caligrafia moderna são os utilizados em cartas régias e em cartas-patentes emitidas por monarcas e oficiais de estado em vários países.

Ferramentas

As ferramentas principais para um calígrafo são a caneta, que pode ser plana ou redonda, e o pincel. Para fins decorativos, canetas com múltiplas pontas podem ser utilizadas. Entretanto, obras também foram feitas com uso de canetas hidrográficas e esferográficas, embora nestas obras não se empreguem linhas angulares. A tinta para a escrita é geralmente à base de

água e muito menos viscosa do que as tintas à base de óleo usadas em impressões. Papel de alta qualidade, que tenha boa consistência de porosidade, permitirá linhas mais limpas, embora sejam muitas vezes utilizados pergaminhos ou papel velino, uma vez que uma faca pode ser usada como borracha e a caixa de luz não é necessária para permitir que as linhas passem através deles. Além disso, caixas de luz e os padrões são usados para conseguir linhas retas, sem marcações de lápis que prejudiquem o trabalho. Papel pautado, seja para uma caixa de luz ou uso direto, é mais frequente pautado a cada quarto ou meia polegada, embora os espaços de polegadas sejam usados ocasionalmente, tal como litterea unciales e o papel escolar pautado geralmente funcionam bem como uma orientação.

Canetas podem ser obtidas a partir de papelarias desde as tradicionais canetas bico de pena que necessitam de mergulhos constantes na tinta até canetas caligráficas que têm cartuchos incorporados, evitando a necessidade de ter que continuamente mergulha-las em tinteiros.

Técnicas

A caligrafia ocidental sagrada tem algumas características específicas, tais como a iluminação da primeira letra de cada livro ou capítulo em tempos medievais. Uma "página tapete" decorativa pode preceder a literatura, ela é cheia de ornamentos, representações geométricas coloridas e ousadas. Os Evangelhos de Lindisfarne são um dos primeiros exemplos.

Tal como acontece nas escritas chinesa e árabe, os manuscritos ocidentais tinham estritas regras e formas. A qualidade da escrita teve um ritmo e uma regularidade com as letras, com uma ordem "geométrica" das linhas na página. Cada carácter tinha, e muitas vezes ainda tem, uma precisa ordem de escrita dos traços.

Ao contrário de uma fonte, a irregularidade no tamanho dos caracteres, estilo e cores acrescenta significado para o grego no sentido de obter "letras bonitas". O conteúdo pode ser completamente ilegível, mas não menos significativo para um espectador com alguma empatia para o trabalho em vista. Muitos dos temas e variações da caligrafia ocidental contemporânea são encontrados nas páginas da Bíblia de São João. Um exemplo particularmente moderno é a Bíblia Sagrada, edição ilustrada por Timothy Botts, com 360 imagens caligráficas assim como uma fonte.

Evolução histórica



Caligrafia em uma Bíblia latina do Anno Domini de 1407 em exibição na Abadia de Malmesbury, Wiltshire, Inglaterra. A Bíblia foi escrita à mão na Bélgica, por Gerard Brils, para leitura em voz alta em um mosteiro.

A caligrafia georgiana é uma secular tradição de uma escrita artística do georgiano com seus três alfabetos.

A caligrafia ocidental é a caligrafia do sistema de escrita latino, e, em menor grau dos sistemas de escrita grego e cirílico. Os primeiros alfabetos evoluíram em torno da época de 3.000 a.C. O alfabeto latino evoluiu a partir do alfabeto etrusco. As letras maiúsculas (majuscules) surgiram primeiro, seguidas da invenção das letras minúsculas (minúsculos), no período carolíngio. A história dos registros das letras muitas vezes caminham em uma obscuridade histórica e em um desuso, assim como a história do que deu origem as gravuras contemporâneas.

Longos e pesados rolos de papiro foram substituídos pelos romanos pelos primeiros livros, inicialmente simples páginas dobradas de pergaminhos feitos de peles de animais. Na parte da escrita os cálamos foram substituídos por penas.

Igrejas cristãs promoveram o desenvolvimento da escrita através da cópia prolífica da Bíblia, em particular do Novo Testamento e ainda outros textos sagrados. Dois estilos distintos de escrita conhecidos como uncial e semiuncial (do latim "uncia", ou "polegada") desenvolvidos a partir de uma variedade de manuais romanos. Os séculos VII ao IX na Europa Setentrional foram o auge das iluminuras celtas, tais como o Livro de Durrow, os Evangelhos de Lindisfarne e o Livro de Kells.

A devoção de Carlos Magno em melhorar as bolsas de estudo resultou no recrutamento de "uma multidão de escribas", de acordo com Alcuíno, o abade de loque. Alcuíno desenvolveu o estilo conhecido como minúscula carolíngia. O primeiro manuscrito a utilizar este estilo foi o Evangeliário de Godescalco. A carolíngia continua a ser o único "progenitor" de onde os livros modernos descenderam.

No século XI, a carolíngia evoluiu para a escrita gótica, que era mais compacta e que tornou possível que coubesse mais texto em uma página. Os estilos da escrita gótica tornou-se dominante em toda a Europa, e em 1454, quando Johannes Gutenberg realizou a primeira impressão na Mogúncia, Alemanha, ele adotou a escrita gótica, tornando-a a primeira fonte tipográfica.

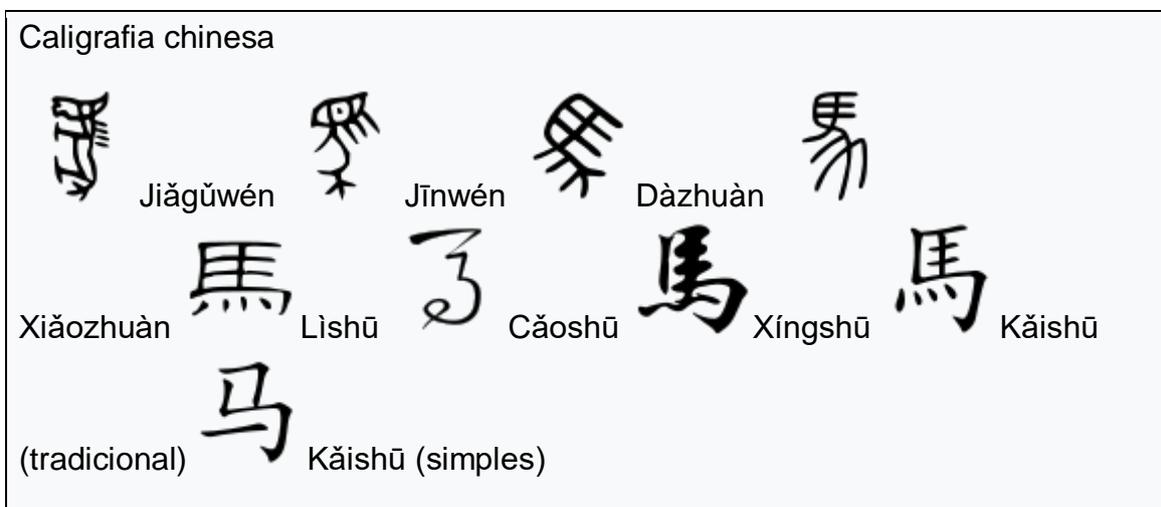
Durante a Idade Média, mais de 3 000 manuscritos foram produzidos: alguns iluminados com pinturas douradas e finas, alguns ilustrados com desenhos, e alguns, apenas livros.

As fontes contemporâneas usadas por computadores, a partir de programas simples de processamento de texto como o Microsoft Word ou o Pages da Apple Inc. até editores que fazem designs profissionais como o Adobe InDesign, tem uma dívida considerável com os designers do passado e com o pequeno número de designers profissionais de hoje em dia.

Influências

Vários outros estilos ocidentais usam as mesmas ferramentas e técnicas, mas diferem pelo conjunto de caracteres, e por preferências estilísticas. Os caracteres eslavos, e a história dos sistemas de escrita eslavos e, conseqüentemente, o russo difere fundamentalmente da língua latina. Ela evoluiu a partir do século X até os dias atuais.

Caligrafia asiática oriental



Os Quatro Tesouros do Estudo incluem tudo o que um intelectual no império chinês precisava: o pincel, a tinta, o papel e a pedra de tinta.

Caligrafia chinesa escrita durante a Dinastia Sung (1051-1108) pelo poeta Mi Fu. O estilo Xinshu mostra-se específico pela sua velocidade e pela baixa pressão do pincel sobre o papel. O calígrafo pode utilizar da velocidade, pressão, ordem dos traços para criar efeitos visuais que podem estar de acordo com as emoções do texto, como no Prefácio ao pavilhão de orquídeas, escrito por Wang Xizhi.

Nomenclaturas, ferramentas e técnicas

Nomenclaturas

O nome local para a caligrafia na China é Shūfǎ (書法, lit. "O caminho/método/lei da escrita"); no Japão, Shodō (書道, lit. "o caminho/princípio da escrita"); e Seoye (서예, lit. "arte da escrita") em ambas as Coreias. Na caligrafia da Ásia Oriental os caracteres são um importante e apreciado aspecto cultural.

Ferramentas

A escrita tradicional na Ásia Oriental utiliza os Quatro Tesouros do Estudo (T: 文房四寶 / S: 文房四宝): o pincel de caligrafia para escrever os caracteres chineses, a tinta chinesa, o papel xuan e a pedra de tinta, conhecidos como os Quatro Amigos do Estudo (HG: 문방사우 / HJ: 文房四友) na Coreia. Além dessas quatro ferramentas, almofadas de mesa e pesos de papel eram utilizados pelos calígrafos.

Técnicas

O formato, o tamanho, a extensão e o tipo de cabelo da escova de caligrafia, a cor, a densidade da cor, a densidade de água da tinta, assim como a velocidade de absorção da água e a textura da superfície do papel são os principais parâmetros físicos que influenciam no resultado final. O calígrafo também influencia o resultado pela quantidade de tinta/água colocada no pincel, e também pela pressão, direção, inclinação que ela dá ao pincel, produz traços mais finos ou mais grossos, e bordas lisas ou dentadas. Eventualmente, a velocidade, a aceleração e a desaceleração dos movimentos, curvas, crochês e a ordem de escrita dos traços do escritor, dão o "espírito" para os caracteres, influenciado fortemente as formas finais.

Evolução histórica

China Antiga

Na China Antiga, os mais antigos caracteres existentes eram os caracteres Jiǎgǔwén escritos em escápulas de bovinos e em plastrões de tartarugas, por conta dos dominadores na Dinastia Shang escreverem em ossos de animais e, em seguida, assa-los para ganhar auspício sobre assuntos militares, safras agrícolas, ou até mesmo sobre procriação e tempo, etc. Durante a cerimonia de adivinhação, após as rachaduras serem feitas, os caracteres eram escritos com um pincel na concha ou osso para mais tarde serem esculpidos.[28] Com a criação do Jīnwén (inscrições em bronze) e do Dàzhuàn (inscrições em selos) os sinais cursivos continuaram. Além disso, cada reino arcaico da China atual teve seu próprio conjunto de caracteres.

China Imperial

Na China imperial as inscrições nas estelas antigas — algumas datadas aproximadamente em 200 a.C., no estilo Xiaozhuan — ainda são acessíveis.

Aproximadamente em 220 a.C., o imperador Qin Shihuang, tornou-se o primeiro a governar a China unificada, impôs várias mudanças, entre elas a unificação dos caracteres de Lǐ Sī, que criou um conjunto de 3.300 caracteres Xiaozhuan padronizados. Apesar do fato de que o principal instrumento de escrita da época já era o pincel, poucas obras deste período sobreviveram e os principais exemplos deste estilo estão nas estelas.

O estilo Lìshū (escrita clerical) que é mais regularizado, e em alguns aspectos semelhantes ao texto moderno, também foi autorizado sobre o governo de Qin Shihuang.

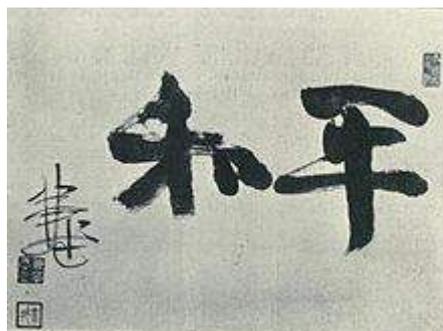
O estilo Kǎishū (escrita tradicional) - ainda em uso hoje - e atribuído a Wang Xizhi (王羲之, 303-361) e seus seguidores, é ainda mais regularizado. Sua disseminação foi incentivado pelo imperador Mingzong (926-933), que ordenou a impressão das obras clássicas em Kaishu, usando novos blocos de madeira. As tecnologias de impressão, aqui, permitiram a estabilização da forma. A forma dos caracteres do Kaishu usados a 1.000 anos atrás foi principalmente semelhante ao que, foi usado no final da China Imperial. Mas pequenas alterações foram feitas, por exemplo a forma de 𠃉 usada no dicionário de Kangxi não é absolutamente a mesma usada em livros modernos. As formas dos caracteres Kangxi e as modernas têm pequenas diferenças, enquanto que a ordem de escrita dos traços ainda é a mesma, de acordo com estilo antigo.

Estilos que não sobreviveram incluem o Bāfēnshū, uma mistura feita de 80% do estilo Xiaozhuan e 20% do Lishu. Algumas variantes dos caracteres chineses eram heterodoxas ou usada regionalmente há séculos. Elas eram geralmente entendidas, mas sempre rejeitadas em textos oficiais. Algumas destas variantes heterodoxas, além de alguns caracteres recém-criados compõem o chinês simplificado.

Estilos cursivos e manuscritos

Estilos cursivos como o Xíngshū (escrita semicursiva) e o Cǎoshū (escrita cursiva) são menos restritos e mais rápidos, onde a maioria dos movimentos feitos pelo instrumento de escrita é visível. Estes estilos de ordem de escrita do traço variam muito, às vezes, criando formas radicalmente diferentes. Eles são descendentes da escrita clerical, e ao mesmo tempo da escrita tradicional (Dinastia Han), mas o Xíngshū e o Cǎoshū foram usados somente para anotações pessoais e nunca foram usados como padrão. O estilo Caoshu foi mais apreciado durante o reinado do imperador Wu de Han (140-87).

Influências



A caligrafia japonesa, a palavra "paz" e a assinatura do calígrafo da era Meiji, Ōura Kanetake.

Outras escritas

Os japoneses e coreanos desenvolveram específicas sensibilidades e estilos de caligrafias. Por exemplo, a caligrafia japonesa sai do conjunto de traços CJK para também incluir alfabetos locais, tais como o hiragana e o katakana, com problemáticas específicas, tais como novas curvas e movimentos. No caso da caligrafia coreana, o Hangeul e a existência do círculo tornou necessária à criação de uma nova técnica que normalmente confunde os calígrafos chineses. A existência da caligrafia temporária também pode se observar que é uma prática da caligrafia que utiliza somente água que, de fato, seca em poucos minutos. Esta prática é especialmente apreciada pela nova geração de aposentados chineses nos parques públicos da China. Estes, muitas vezes, abrem lojas-estúdios em cidades turísticas e oferecem a caligrafia tradicional chinesa para os turistas. Outros que escrevem o nome dos clientes, também vendem pincéis finos como lembranças e pedras de calcário com inscrições.

Além de ser uma forma de arte por si só, a caligrafia também influenciou o sumi-ê, que é feito a partir de ferramentas e técnicas semelhantes. A caligrafia influenciou os estilos de arte mais importantes na Ásia Oriental, além do sumi-ê, a pintura chinesa, japonesa, coreana e a vietnamita baseada inteiramente na caligrafia.

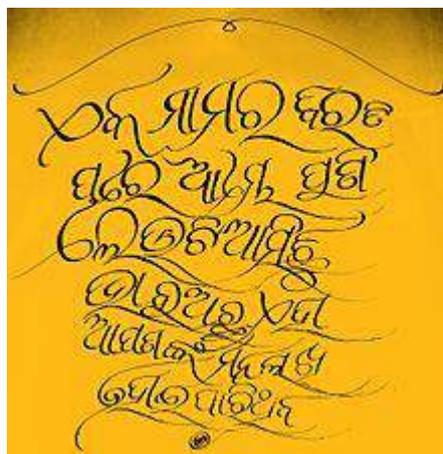
Um calígrafo vietnamita escrevendo em Hán tự em preparação para o Tétno Templo de Literatura, Hanoi.

Caligrafia asiática meridional

Caligrafia indiana



Fragmento do 6º pilar do Édito de Asoca.



A caligrafia do alfabeto oriá.

As seis sílabas do mantra Om Mani Padme Hum em caracteres tibetanos dispostos como as pétalas de uma flor de lótus. As cores correspondentes são de profundo significado religioso. No centro da flor é colocado Hrīḥ a sílaba da a compaixão.

Os éditos de Asoca (r. 273–232) foram autorizados em pedra. Estas inscrições são em formas duras e angulares. Seguindo o estilo de Asoca da escrita indiana, dois novos tipos de caligrafia apareceram: o Kharoṣṭī e o brami. O Kharoṣṭī foi utilizado na região do noroeste da Índia a partir do século III a.C. ao século VI da era cristã, e foi usada na Ásia Central até o século XVIII.

Em muitas partes da Índia antiga, as inscrições foram feitas em folhas de fumo tratadas com palmeiras. Esta tradição remonta a mais de dois mil anos. Mesmo depois que as línguas indianas foram colocadas no papel, no século XIII, as folhas de palmeira, eram consideradas um meio preferido de escrever devido à sua longevidade (quase 400 anos) em relação ao papel. Ambos os lados das folhas foram usadas para a escrita. Longas tiras retangulares eram postas umas sobre as outras, buracos perfurados através de todas as folhas, e o livro era amarrado por cordas. Livros com esta produção eram comuns no Sudeste Asiático. A folha de palmeira foi uma excelente superfície para a escrita,

possibilitando uma escrita delicada utilizada em muitos dos textos do sul da Ásia.

O cobre foi um dos materiais preferidos usado nas inscrições indianas. No norte da Índia, a casca de bétula foi usada como uma superfície de escrita no século II

Os calígrafos indianos ao longo da história têm trabalhado com uma vasta gama de materiais que variam de moedas de argila, pedra, metal, pano. Potes de tinta requintadamente decorados são uma característica especial de caligrafia indiana. A Índia tem uma rica herança da caligrafia na forma de documentos e monumentos.

Caligrafia nepalesa

A caligrafia nepalesa teve um enorme impacto sobre o Budismo Maaiana e o Vajrayana. O alfabeto Ranjana é a forma primária desta caligrafia. O alfabeto em si e seus derivados (como Lantsa, Phagpa, Kutila) são utilizados no Nepal, Tibete, Butão, Leh, Mongólia, costa chinesa, Japão e Coreia para escrever o Om mane pame om e outros textos budistas sagrados, principalmente aqueles derivados do Sânscrito e do Páli.

Caligrafia tibetana



Uma iluminura do Maabárata com a caligrafia indiana.

A caligrafia é algo fundamental na cultura do Tibete. O alfabeto é derivado dos alfabetos indianos. Os nobres do Tibete, assim como os Lamas e os habitantes do Palácio de Potala, eram geralmente calígrafos suscetíveis. O Tibete tem sido um centro do budismo durante vários séculos, e para essa

religião a escrita tem um grande significado. Este não prevê uma grande quantidade de peças seculares, embora elas existam (mas geralmente estão relacionadas de alguma forma com o budismo tibetano). Quase toda escrita religiosa envolve a caligrafia, inclusive cartas enviadas pelo Dalai Lama e por outras autoridades religiosas e seculares. A caligrafia é particularmente evidente nas rodas de oração, embora esta caligrafia tenha sido forjada ao invés de descrita, bem como a caligrafia árabe e romana é frequentemente encontrado em edifícios. Embora originalmente tenha sido feita com cana, agora os calígrafos tibetanos usam canetas com ponta de cinzel e marcadores também.

Caligrafia islâmica



Uma página de um Alcorão do século XII escrito no alfabeto de Al-Andalus.

A caligrafia islâmica (caligrafia em árabe é **اليد خط** *Khatt ul-Yad*) evoluiu paralelamente a religião do Islã e a língua árabe. Como ela é baseada em caracteres árabes, alguns a chamam de "caligrafia árabe". No entanto, "caligrafia islâmica" é um termo mais apropriado, pois abrange todas as obras caligráficas dos calígrafos muçulmanos do Marrocos até a China.

A caligrafia islâmica está associada com a arte islâmica geométrica (o arabesco) nas paredes e tetos das mesquitas, bem como nas páginas. Os artistas contemporâneos do mundo islâmico desenharam a partir da herança da caligrafia para utilizarem das inscrições ou abstrações caligráficas.

Ao em vez de recordar algo relacionado à palavra falada, para os muçulmanos a caligrafia é uma expressão visível da maior arte de toda a arte do mundo espiritual. A caligrafia, indiscutivelmente, tornou-se a forma de arte islâmica mais venerada, porque fornece uma ligação entre as línguas dos muçulmanos com a religião do Islã. O livro sagrado do Islã, o Alcorão, tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento e evolução da língua árabe e, por com sequencia, a caligrafia no alfabeto árabe. Provérbios e passagens do Alcorão são ainda fontes da caligrafia islâmica.

É geralmente aceito que a caligrafia islâmica destacou-se durante o período otomano. Calígrafos turcos ainda apresentam as obras mais refinadas e criativas. Istambul é uma sala de exposições aberta para todos os tipos e variedades de caligrafia, a partir de inscrições nas mesquitas para as fontes, escolas, casas, etc.

Evolução histórica

A caligrafia árabe ou islâmica, pertence ao alfabeto semítico, em que principalmente as consoantes são representadas na escrita, enquanto as de vogais (com diacríticos) é opcional. O alfabeto mais antigo conhecido pela humanidade foi o semítico do norte que se desenvolveu em torno de 1700 a.C. na Palestina e na Síria. Ela consistia de 22 consoantes. Os alfabetos árabe, hebraico e fenício foram baseadas nesse modelo.

A caligrafia do norte da Arábia, que foi influenciado pela nabateia, foi estabelecida no nordeste da Arábia e floresceu no século V entre as tribos árabes que habitavam Hira e Ambar. Espalhou-se para Hejaz no oeste da Arábia, e seu uso foi popularizado entre a aristocracia dos coraixitas, a tribo do Profeta Maomé, por Harb ibn Ummayyah.

Embora as primeiras fontes árabes mencionassem vários estilos caligráficos em referência as cidades em que foram usadas, elas geralmente se encaixam em duas grandes categorias, com algumas pequenas variações, são os "estilos secos", os primeiros antecessores da escrita cúfica, e os "estilos úmidos", os primeiros antecessores da família cursiva.

Caligrafia persa



Amostra das regras de proporção da caligrafia nasta'liq, um dos estilos mais populares de escrita persa.

A caligrafia persa é a caligrafia do sistema de escrita persa. A história da caligrafia na Pérsia remonta à era pré-Islã. No zoroastrismo escritas bonitas e claras sempre foram elogiadas.

História e evolução

Acredita-se que a antiga escrita persa tenha sido inventada em torno de 600 e 500 a.C. para fornecer inscrições para os reis aquemênidas.[39]Essas escritas consistiam em letras horizontais, verticais e diagonais em forma de unha, e esta é a razão pela qual em persa ela é chamada de escrita das unhas/escrita cuneiforme (Khat-e-Mikhi). Séculos mais tarde, outras escritas como a pálavi e a avesta foram usadas na antiga Pérsia.

Depois da conquista árabe no século VII, os persas adotaram o alfabeto árabe para se ajustarem à língua persa e desenvolveram um alfabeto persa contemporâneo. O alfabeto árabe tem 28 caracteres no qual os iranianos adicionaram mais quatro letras para ajustarem os sons e as letras do idioma persa que não existe em árabe.

Escritas contemporâneas

Nasta'liq é o estilo contemporâneo mais popular entre as escritas persas clássicas e os calígrafos persas chamam-no de "A noiva das escritas caligráficas". Este estilo de caligrafia tem sido baseado em uma estrutura tão forte que mudou muito pouco desde que surgiu.

Mir Ali Tabriziencontrou uma ótima composição das letras e regras gráficas tendo que apenas aperfeiçoá-las durante os últimos sete séculos.

Ele tem regras muito rígidas para a forma gráfica das letras e para a combinação das letras e palavras e para composição de partes para a caligrafia com um todo.

Outras caligrafias isoladas

O Códice de Dresda é um antigo livro maia do século XI ou XII dos maias iucatãs. É um trabalho de arte muito importante. Muitas seções são ritualísticas (incluindo os chamados "almanaques"), outras são de natureza astrológica (eclipses, o ciclo de Vênus). Provavelmente foi escrito pouco antes da conquista espanhola.



Glifos maias

A caligrafia maia foi expressa através dos hieróglifos maias; a caligrafia maia moderna é usada principalmente em selos e monumentos da Península de

lucatã, no México. Hieróglifos maias são raramente usados em gabinetes governamentais, no entanto, em Campeche, Iucatã Quintana Roo, a caligrafia maia é escrita em letras latinas. Algumas empresas comerciais no sul do México usam hieróglifos maias como símbolos de seus negócios. Algumas associações comunitárias e irmandades maias modernas usam os hieróglifos maias como símbolos de seus grupos.

A maioria dos sítios arqueológicos do México, como [Chichén Itzá](#), Labna, [Uxmal](#), [Edzná](#), [Calakmul](#), entre outras, têm glifos em suas estruturas. Monumentos de pedra esculpidos também conhecidos como estela é uma fonte comum da caligrafia maia antiga.

Grafite



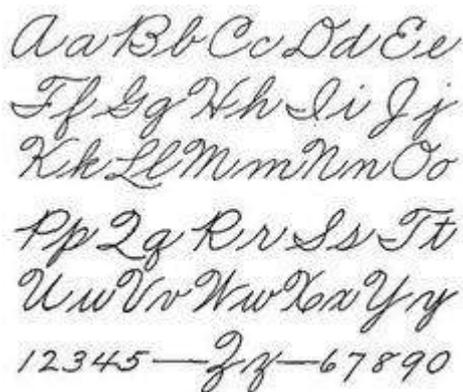
Grafite também compartilha atributos semelhantes aos da caligrafia por ser uma forma expressiva de estilo de escrita.

Embora o grafite seja visto frequentemente como destruição e vandalismo à sociedade, ao longo das décadas o grafite surgiu como uma arte apaixonada, mostrando a expressão de estilo, cultura e identidade. Grafite passou a ser considerada como uma outra forma de estilo de escrita e é considerado como forma de expressão incluída no âmbito das artes visuais. Ambos, caligrafia e grafite compartilham atributos similares, onde diferentes culturas e comunidades usam diferentes ferramentas e técnicas para fazerem suas distintas inscrições e escritas com visual único. Grafite em si é uma forma de arte, muito desvalorizada pela maioria, porque o único lugar em que a maioria das pessoas vê são lugares onde é ilegal.

Muitas pessoas hoje já começaram a colocar o grafite em papéis, lonas, e murais de uma forma legal, porque eles ganharam a permissão do proprietário do edifício/parede.

Caligrafia inglesa

As letras cursivas sempre existiram durante toda a história da escrita, mas a sua formalização à partir do século 17 nos deu o modelo de escrita cursiva inglesa ou Copperplate, cuja popularidade transformou o estilo em sinônimo de caligrafia. O desafio da escrita cursiva inglesa está na utilização da pena de ponta flexível.



Diferentemente da pena quadrada, o seu traço não é influenciado pelo ângulo, mas sim pela pressão aplicada durante a escrita. Dessa forma, o/a aluno/a deverá aprender a dominar essa nova ferramenta enquanto aprende as características básicas da letra cursiva inglesa ou Copperplate. Ao final, o aluno sairá do curso com conhecimento de formas básicas da escrita Cursiva Inglesa ou Copperplate utilizando a ponta flexível.

A Caligrafia é a técnica onde uma caneta de tinta ou de bico de pena é usada para criar letras com um só traço contínuo com espessuras que variam de largura por meio da variação da pressão que se faz na caneta.

Hand Lettering é a técnica que está mais próxima do desenho do que da escrita. Nela é usado qualquer tipo de caneta e não precisa ser em uma só traçada. As letras podem ser desenhadas individualmente. Essa técnica é a mais utilizada para fazer os quadro-negros decorativos que estão na moda. Ela também é ótima para fazer posters e qualquer outro projeto onde as letras estarão em tamanhos grandes.

O treino é parecido com o que a gente fazia para aprender a escrever na alfabetização: contornar as letras loucamente até que as formas saiam naturalmente da ponta dos seus dedos sem precisar de modelo.

A caligrafia é a arte da escrita. Elegante e fina. A escrita é um meio de comunicação por sinais preestabelecidos. Podemos gravar, imprimir e escrever à mão. Podemos gravar em pedras, metais ou madeira, Podemos imprimir em

papel. Gravar e imprimir, porém, são formas de escrevermos de modo padronizado, impessoal.

Diferentemente, os manuscritos - textos escritos à mão - possuem uma forma pessoal, possuem o estilo próprio, de quem escreve. As formas antigas e atuais desta arte, nos mostram que a grafia manuscrita possibilita infinitas variações pessoais e artísticas. Mudanças e comportamentos em modismos através da história mudam as tendências de emoções humanas, bem como as suas formas de expressão.

Deste modo, as tendências da caligrafia, também se modificam. A necessidade de desenvolvimento da velocidade é a primeira transformação radical nos traços artísticos. Torna-os menos rebuscados.

A caligrafia pode ser definida como grafia manuscrita, na qual a liberdade individual é bem conciliada com os olhos que a lêem. Reconhece-se imediatamente a beleza proveniente dos componentes gráficos numa bela proporção de traços e harmonioso conjunto das letras de uma palavra.

Muitos escritos de um passado remoto, ou mais recentes como "Manuscritas Rústicas" , "Carolinas" e "Minúsculas", assim como as "Góticas", que as seguiram. Isso demonstra que as letras manuscritas, apesar de artesanato elementar é capaz de infinitas variações.

No período medieval, incluindo as ordens religiosas, maravilhosos textos caligrafados foram produzidos. Muitas classes sociais ocupavam-se disso, trabalhando com exclusividade nesta forma artística escrevendo públicos, criados e artesãos, em geral.

Se a pessoa demonstrava tendência a este tipo de arte, imediatamente era afastada de suas funções cotidianas e todo o seu tempo era dedicado ao estudo e exercício, para que seus dons fossem cada vez mais desenvolvidos. Sua vida social e financeira, ascendia automaticamente e ali, como artista, o artesão era diferenciado. Assim se tornavam, com o tempo, mestres calígrafos.

Esses calígrafos, finalmente, seriam destinados à elaboração de documentos e textos muito importante.

Os iniciados e intermediários, de médio desenvolvimento artístico, ocupavam-se de tarefas e documentos mais simples. Aos mestres cabia o trabalho mais nobre. Assim mesmo, por vezes, demoravam anos e anos, para grafar textos de obras literárias sagradas importantes às quais eram escritas sobre o couro de carneiro ou papiro vegetal, e eram encadernadas em couro especial, com inscrições em ouro. Algumas dessas valiosíssimas obras, encontram-se ainda em exposição em famosos museus europeus e asiáticos.

A época Renascentista mudou drasticamente a tradição da escrita européia. Por todo o continente apenas um país, resistiu bravamente aos seus costumes e tradições e manteve-se firme e fortemente; dando ainda mais ênfase à escrita GÓTICA. Esse país era a Alemanha. Por isso a denominação até os dias de hoje: CALIGRAFIA GÓTICA ALEMÃ.

A Renascença, em toda a sua revolução cultural na Europa, nos séculos passados, fez muito mais do que reverter os estilos artísticos. Em sua fase inicial, foi um movimento de curiosidade intelectual sem limites, ou seja, a marca de uma qualidade humanística.

Esta sempre foi uma qualidade, do ser humano predominante nesta revolução cultural.

No século XV, a igreja era incumbida da tarefa de lecionar para o povo em geral. Ela dominava o mestrado das artes, da ciência, enfim do conhecimento em geral. A caligrafia artística foi desenvolvida principalmente pelo clero, na propagação das artes e ciências. Esta é uma das heranças culturais e artísticas da Igreja.

A sociedade medieval dependia das autoridades, da Igreja e do Estado. Mãos foram treinadas e livros foram escritos de acordo com o procedimentos e demandas litúrgicas, administrativas e judiciárias. Como em outras manifestações artísticas a CURIA romana mantinha (e até hoje mantém) um grupo de artistas calígrafos, conhecidos como CHANCELARIA APOSTÓLICA, que emitia todos os documentos do papa, e uma chancelaria menor, encarregada de outros livros e documentos. Em 1431, foi designado um calígrafo especial para o papa Eugênio IV, para documentos e cartas breves. Era uma caligrafia não elaborada, rápida e sem enfeites, porém muito bonita. Essa caligrafia ficou conhecida como MANUSCRITA CURSIVA, passando a ser um exemplo corrente a partir do século seguinte

Os primeiros trabalhos em formação de letras, usaram letras maiúsculas e foram compilados por entusiasmados admiradores das antigas inscrições em Latim, como Ciriaco de Ancona, que coletou, transcreveu e copiou todos os memoriais, inscrições em lápides de túmulos e inscrições em tábuas de madeira e pedra, que ele pode descobrir. Andrea Mantegna introduziu seus famosos manuscritos em Pádua. Feliciano de Verona, compilou uma coleção de textos a Mantegna. Feliciano também artesanalmente escreveu o mais extenso tratado das variadas formas de caligrafia. Este trabalho está datado de 1463 sendo o primeiro a fornecer diagramas e instruções de formas das letras maiúsculas romanas. O primeiro trabalho impresso, desta espécie é modestamente anônimo e possui uma inscrição em latim:

"IMPRESSUM PARME PER DAMIANUM MOYLLUM, PARMENSEM"

A inscrição pode ser assim traduzida: "Impresso com a permissão e colaboração de Damiano Moille". Como foram achados vários trechos assinados pelo mencionado artista, conclui-se que boa parte da autoria da obra e o alfabeto, são de Moille. Com essa pesquisa pode-se estabelecer a data da obra com alguma precisão: entre 1480 e 1483.

Mais ou menos, na mesma época, o frei e matemático Pacioli, notável como amigo do famoso artista, pesquisador e gênio Leonardo da Vinci, fez um tratado sobre a geometria da construção das letras. Este livro só foi publicado em 1509, porém já existia como belíssimo manuscrito, em época bem anterior.

Em 1514 Fanti de Ferrara, apresentou o primeiro método de ensino das formas geométricas das letras góticas. O título (em latim) do trabalho:

"THEORICA ET PRACTICA PERSPICASSIMI SIGROMUNDI DE FANTIS"
(Teoria e prática da perspectiva e geometria ovalada de Fanti).

O título era enorme em comparação com a obra, pois ele apresentou somente as maiúsculas romanas, além de um conjunto de rondes semi-gótica. O trabalho foi útil pois Fanti introduziu essas semi-góticas letras (mais para a forma arredondada-rondede do que para góticas), que passaram a ser utilizadas então por calígrafos e monges e especializados nesta área.

Em 1522, Arrighi, um calígrafo de Veneza e assistente da Chancelaria Apostólica, publicou um livro com o primeiro modelo deste trabalho (todas as cópias eram de cartas escritas), era uma belíssima combinação de letras minúsculas, ligeiramente inclinadas, devido à velocidade de escrita, com maiúsculas retas e pequenos adornos em torno das mesmas.

A caligrafia artística e profissional de Arrighi era bem mais ornamentada em comparação com a versão mais popularizada, 50 anos depois. Nesta época, a escrita era mais rápida de modo que a caligrafia cursiva (sem muito adornos), tornou-se mais popular. A forma artística, porém permanecia fortemente enraizada, pois os documentos e cartas imperiais, bem como outras formas escritas, eram de vital importância e grande quantidade.

Com o passar do tempo, o aprimoramento de muitos especialistas e a formação cultural de um maior número de pessoas, pela igreja, a caligrafia foi ganhando mais adeptos. Deixou de ser uma arte pouca coisa mais popular. A educação de muitas pessoas passou a ser responsável pela divulgação da arte e da cultura. Assim, educação era sinônimo de escrita e escrita era sinônimo de caligrafia, por toda educação era transmitida por meios verbais e manuscritos.

Mãos, punhos e braços, passaram a ser exercitados para o trabalho educacional. Desta maneira, a caligrafia não era somente arte e sim uma ferramenta para o aprendizado. Não que o trabalho artístico não fosse tão valorizado, absolutamente. Ele ainda era, porém a cada dia, que eram mais pessoas a escrever no dia a dia.

A escrita foi adquirindo mais velocidade. As penas foram ficando mais finas para que as letras fossem apresentadas de modo claro e mais legível, pois a inclinação das letras devido à velocidade tornava o ato de escrever difícil, com penas para letras mais grossas. Arte e artistas, foram se especializando.

Por volta de 1630, as caligrafias manuscritas, ronde e gótica eram profundamente aplicadas a todos os tipos de trabalhos. A manuscrita cursiva para simples comunicações e educação formal, em estudos. A ronde para documentos e cartas mais elegantes. A gótica para documentos mais formais como proclamações e cartas especiais e cartas do clero. Os livros eram também assim escritos.

Durante o século XVII, a tendência em substituir-se a gótica pela ronde, foi mais acentuada, pois além de mais legível, devido a sua forma menos enfeitada e mais arredondada, era mais rápida na confecção. Essas mudanças entretanto, foram feitas gradualmente. Gerações de mestres recomendavam a caligrafia semi-gótica (depois denominada gótica Italiana), preferencialmente a qualquer outra, tamanho seu prestígio.

No início do século XVIII a ronde francesa, já dominava a sua área, já que a arte francesa em geral, dominava o mundo.

As três caligrafias mais amplamente difundidas depois da ronde eram a italiana e a francesa. As diferenças não eram muito significativas a não ser na largura das letras. Os italianos produziam mais traços angulosos; os franceses arredondavam mais acentuadamente as letras; os holandeses conferiam maior inclinação a sua escrita. Franceses, holandeses e ingleses produziam traços ascendentes com mais laçadas e as maiúsculas em menos elaboradas. Esses eram detalhes diferentes da caligrafia italiana, na qual as maiúsculas eram mais desenhadas e os traços ascendentes sem muitas laçadas. No primeiro caso, temos uma escrita que foi adaptada à necessidade de maior velocidade de trabalho. Sinal este, do tempo do desenvolvimento comercial.

A escrita comercial inglesa (manuscrita comercial) foi muito valorizada com a expansão do comércio inglês. Com esse desenvolvimento comercial, o mercado de navegação tornou-se o mais popular do mundo, oferecendo bons empregos à população nas áreas de contabilidade e controle de embarque de mercadorias. Como podemos observar este foi um dos pontos fundamentais do desenvolvimento da caligrafia cursiva inglesa ou ainda manuscrita comercial.

A caligrafia gótica sobrevivia para ser usada em títulos de livros e documentos. Era a forma artística para tão somente adornar o início de cada apresentação do documento ou texto.

Em 1630 e nos anos seguintes, os mestres calígrafos ingleses, possuíam uma arte que só foi projetada na Espanha, no século seguinte, apesar do comércio geral começar a adotar a manuscrita "SCRIPT" (letra de forma), na confecção das notas e faturas comerciais.

A natureza prática e simples do comércio inglês, não colocava em uso a arte dos mestres, não proporcionando assim uma divulgação, prática e conseqüente especialização e novas criações para a caligrafia. Os primeiros colonizadores na América, praticavam suas escritas originais. Benjamin Franklin utilizava a manuscrita comercial inglesa. A partir dela foram gravados os primeiros tipos americanos de impressão.

Em 1809, na América, Joseph Carstairs, de modo inédito, divulgou um tratado afirmando que a arte da caligrafia era controlada pelo antebraço, na gerência dos movimentos e não pelos dedos. Seu trabalho foi traduzido para o francês e o espanhol tamanha sua importância em estudo inédito. Chegou até a ser denominado SISTEMA AMERICANO.

A caligrafia americana foi, portanto, uma união deste tratado, com a caligrafia manuscrita comercial. Em 1855 o primeiro exemplo da típica caligrafia americana, foi registrado por Nenkins. O estilo pedia um bico de pena bem mais fina, com traçados descendentes da linha superior até alcançar a inferior. Uma tendência a produzir curvas e terminações floreadas e um extremo grau de condensação (aglomeração) de letras. No começo de sua divulgação, não alcançou muito sucesso, porém Spencer a ensinou em escolas e em métodos empregados em todo país, o que popularizou essa caligrafia. Até sua morte, em 1861, este estilo foi ensinado em 44 cidades americanas. Este estilo é até hoje conhecido como Sistema Spenceriano.

Vamos agora voltar um pouco no tempo para narrarmos os primórdios da escrita e explicar as características individuais de cada uma das mais famosas artes em escrita.

Primeiras Escritas

Tábuas com leis e mandamentos, inscrições em lápides de túmulos e outra gravações, eram assim feitas. A escrita era básica e nada artística. Em épocas posteriores, na Grécia e em Roma, as inscrições eram feitas em gravador de escrita, possuía uma ponta em uma das suas extremidades e na outra um

aplainador para nivelar a cera levantada com a escrita. Após esta época, foi inventada uma ponta de chumbo com estanho que traçava os sinais gráficos antes de sua gravação.

Este foi o precursor do lápis grafite de nossos tempos. No Egito Antigo, usava-se o cálamo, uma caneta de bambu, pontiaguda para as escritas em papiros e pergaminhos, sendo as tintas feitas à base de corantes naturais.

Antes da invenção das penas metálicas (Wise, um calígrafo inglês, construiu as primeiras, por volta de 1803) eram usadas penas de aves e as mesmas eram apontadas conforme cada necessidade e uso. As penas de patos eram as mais apreciadas mesmo na presença das metálicas. Porém, por volta de 1822, essas últimas começaram a fazer sucesso na Europa apesar da resistência dos mestres calígrafos.

O consumo de penas, somente no território francês foi estimado em 200 milhões de unidades! Isto foi divulgado na Exposição Mundial de Paris em 1851. Nesta época, as letras eram traçadas em pequenas tábuas e essas eram sucessoras dos papiros (árvore que nasce somente à beira do rio Nilo, no Egito e na Sicília, na Itália). O papiro foi usado desde a época da 5ª Dinastia dos Faraós, no Egito e muito popular no período de 2108 a 1689 a.C.

Os pergaminhos eram feitos em pele de animais e sua fabricação era muito elaborada e sofisticada. Até hoje o pergaminho é usado em importantes e clássicos documentos, como os diplomas das principais universidades do mundo. Seu nome é originário da cidade de Pergamus (cidade da Ásia Menor). Como o pergaminho sempre foi um papel muito caro, muitas vezes os textos eram raspados e o pergaminho era reutilizado para outras inscrições. Assim, documentos e códigos foram perdidos, para o registro histórico de nossa civilização.

O papel de retalhos de tecidos, foi inventado no século XI, substituindo o papiro. Sua invenção é atribuída aos chineses e outro tipo, aos árabes. Descobriu-se também que outro tipo de papel, feito a partir do linho e do cânhamo, era usado pelos egípcios, em conjunto com o papiro e, após esta época, quando este último já não era suficiente em quantidade de consumo. Nos dias de hoje o papel é fabricado com vários tipos de madeira. O seu reciclamento (reutilização) é um processo altamente difundido, pois o consumo, em todo mundo é enorme e precisamos preservar as nossas florestas. O papel poroso, do tipo mata borrão é um papel que não recebe um tratamento impermeabilizante com cola. Os romanos utilizavam também pranchas de marfim, para suas luxuosas inscrições.

Como era feito o papiro

As tiras desta árvore eram cortadas, molhadas em água pura e dispostas transversalmente umas nas outras, para formarem folhas. Após a secagem, eram enroladas e vendidas. No museu de Paris (O Louvre), podemos encontrar um papiro datado de 2000 a.C., da 5ª Dinastia do Egito.

O Pergaminho

Era o material preferido pelos papas desde a antigüidade. Seu uso começou a ser difundido com a proibição do rei de Pergamus em exportar o papiro para outros lugares. Esse regente clamava o uso exclusivo do papiro, em seu território. Com um especial tratamento dado à pele, o pergaminho podia receber impressões dos dois lados. Na época de Carlos Magno, floresceu o uso do pergaminho recebendo ele, nesta época, cores como o violeta. Seu uso popular estendeu-se até a Renascença.

Diagramação da Escrita – Composição

Cada tratado ou obra eram chamados de biblioteca. Ao final recebiam os títulos, que nos dias de hoje são colocados no início dos textos. As obras eram compostas de 4 a 8 peles dobradas ao meio (como foi feito posteriormente, em outra posição; para a diagramação em impressão), o que duplicava o número de páginas, já que os pergaminhos recebiam inscrições, dos dois lados. Somente no século XII é que as páginas começaram a ser numeradas, porém com sinais. No século XIV, os números substituíram os sinais.

As pautas eram inexistentes; eram seguidos os relevos (membranas) do papel. Excepcionalmente, na obra intitulada CÓDIGO ALEXANDRINO, pautas foram feitas dos dois lados dos pergaminhos, utilizando-se uma ponta de ferro para marcar o material, riscando-o e produzindo um relevo nas folhas. Carlos Magno utilizava esse tipo de pergaminho, porém com pautas de um lado só. Isso foi descoberto no século XIX, quando um minucioso exame foi feito em um tipo de documento encontrado em escavações arqueológicas. A análise deste trabalho concluiu que o papel possuía uma sofisticada composição de cânhamo, linho, pouco algodão e todo o material foi tratado com cola de amido e não cola vegetal. Sem a cola, qualquer tipo de papel torna-se extremamente poroso absorvendo por demais a tinta produzindo borrões, os quais distorcem as escritas.

Caligrafia Inglesa

Derivada da caligrafia Irlandesa era ensinada por missionários católicos, antes do século VII. A comunicação com Roma naquela época, era muito difícil, por isso as modificações foram feitas de acordo com a região e os materiais (penas) existentes, assumindo, portanto, uma característica própria.

Após o século VII, tornou-se mais arredondada com leves ornamentos, até ganhar ângulos e muita inclinação, traços que conserva até os dias de hoje.

Suas características principais são: a linha reta, a curva e a mista. As letras fundamentais é o I e O. O alfabeto resulta da união desses elementos. A inclinação que era originalmente de 45° passou a ser de 52° assumindo, portanto, um traçado menos inclinado e mais elegante.

Caligrafia Comercial, Corrente ou Manuscrita

Este tipo, também inicialmente é batizado como ROMANA, nasceu no século I e floresceu entre os séculos V a XII. Foi difundida com o nome de CHANCELARIA IMPERIAL, após modificações feitas pelo italiano Marcelo Scalzino. Suas características são: inclinação de 20° à direita, com porções superiores e inferiores bem pronunciadas, terminando em traços e hastes em filetes ou anéis bem fechados.

Neste tipo de arte, na Antigüidade, um outra característica grifava a arte. A letra m era sempre mais estreita que as demais. Esta é a arte que antecedeu a manuscrita comercial, passou a ser desenhada em tamanho menor, com ligações entre as letras, feitas por filetes.

Essa ligação era traçada de maneira que a mão levantava-se do papel apenas uma vez, terminada a palavra. A manuscrita comercial também adquiriu um formato mais redondo com inclinação a 45° e mais tarde a 53°, por questões estéticas.

Os grupos de letras são os mesmos para a comercial e para a inglesa:

a, e, i, m, n, o, r, s, u, v, w, x, z.

t, d, b, l, f, h, k.

g, j, p, q, y.

Os algarismos usados nesta caligrafia são os ARÁBICOS.

Caligrafia Comercial Alemã

Uma caligrafia muito elegante com traços finos. As minúsculas possuem formatos diferentes. As letras c, e, m, i, n, e u não são suficientemente arredondadas para o nosso padrão de escrita, mas terminam em hastes cheias. Aplicamos a este tipo de arte, os mesmos princípios adotados para a inglesa.

Caligrafia Italiana

A caligrafia italiana, também é conhecida como BASTARDA, por ser ilegítima a partir da latina (um desvio de traçado), foi a caligrafia oficial na Itália, nos séculos III, IV e V. Ainda nos dias de hoje, esta arte é utilizada em lápides. Podemos também citar outra característica: a caligrafia italiana é uma modificação da CHANCELARIA IMPERIAL, com traços artísticos próprios. Esta arte é feita com pena de PONTA CORTADA e inclinação de 66°. Os traços cheios ascendentes, são iguais aos traços cheios descendentes. As porções superiores não tem forma de anel, porém as porções inferiores são aneladas. A caligrafia italiana é muito utilizada em importantes e artísticos textos, até os dias de hoje.

Os grupos obedecem a seguintes ordem:

a, m, n, y, u

c, e, g, l, o, n

f, i, j, k, h, t

b, p, r

d, q, s, v, w, z

Este tipo de arte é muito usado no mundo todo.

Caligrafia Coulée

È a caligrafia nacional francesa é bastarda da italiana. Usada na França desde o século XVIII. Diferente da italiana pelas hastes mais alongadas. Esta arte também é feita com pena cortada.

No início dos tempos populares, era escrita com leve inclinação à esquerda e alguns calígrafos assim ainda a traçam. Os primeiros bonitos exemplos apareceram na França em 1671. A Coulée ou cursiva francesa é escrita com um pouco mais de velocidade do que a italiana.

Caligrafia Ronde

Redonda ou "ronde" (redonda em francês), possui grande afinidade com a italiana. A França foi também artisticamente famosa pelo seu legado em 3 tipos de caligrafia - Coulée, manuscrita ou cursiva e a ronde. Em escolas de arte, primeiramente ensina-se o domínio da coulée. Depois a ronde começa a ser aprendida e executada. A caligrafia ronde é reta, não tem inclinação e não se deve exercer maior pressão sobre o papel, para que os traços descendentes não se tornem mais largos que os ascendentes.

Os Números Através da História

Desde o início da humanidade, cálculos eram necessários, por isso antes do advento dos números, sinais numéricos precisaram ser criados para a expressão e memorização desses cálculos.

Antes da linguagem, propriamente dita, uma comunicação, através de sinais (como linguagem dos surdos mudos) foi criada para possibilitar a comunicação. Através dos sinais, apareceram também sinais numéricos com equivalência de 0 a 9 e isto era expresso, pelas diferentes posições dos dedos dos pés e mãos. Os primeiros 5 números eram representados pelos dedos de uma das mãos, aberta. Depois eram adicionadas outros da outra mão.

A mão cheia (com 5 dedos) era representada pelo sinal V, depois eram adicionados um a um como demonstram os números: seis (VI), sete (VII) e oito

(VIII). O dez, ou seja, duas mãos fechadas com o punhos cruzados, era representado pelo X, por isso o nove era representado pelo um menos dez (IX).

As mãos cruzadas sobre os pés, X por X, valiam por 1000 (M). Para medir-se as distâncias, usava-se o pé que repetido mil vezes (1000 x 32,3 cm) produziam a MILHA.

Os indianos foram os primeiros a dar a forma aos números de 0 a 9. Os romanos, em seus símbolos (IV , IX, etc..), foram os primeiros a dar origem à subtração (diminuição).

A origem dos números sempre foi incerta. Os hebreus, por exemplo, usavam letras para simbolizar os números ou quantidades. Em 1256 os árabes difundiram a arte dos números e em 1260 os indianos aperfeiçoaram sua formas. Em formatos normais (médios e pequenos), os números devem ser um pouco maiores do que as porções médias (centrais) das letras. Procure acompanhar as artes em números e letras, a cada caligrafia utilizada.

Caligrafia Gótica

A caligrafia gótica, foi também chamada na Antigüidade de CAROLINA, em homenagem a Carlos Magno, no século X, que deu grande divulgação a esta arte, por ser um grande incentivador da literatura, artes e ciências. Por seus traços elegantes tornou-se popular até o século XV. Devido à praticidade, a gótica caiu em desuso diário, para tornar-se apenas artes, sendo esta valorizada até os dias de hoje.

O alfabeto gótico é dividido em dois grupos para as letras minúsculas.

a, c, e, i, m, n, o, r, u, v, w, x, t, l, f e p.

b, d, g, h, k, q, s, y e z.

Gótica dos Pergaminhos

Também chamada Humanística por ser empregada por intelectuais e poetas. Aperfeiçoada e difundida entre os séculos XII e XV é derivada da caligrafia gótica alemã, tendo esta recebido traços mais arredondados.

O Estilo Gótico Alemão

Também chamado de moderno, pois foi um dos últimos a ser empregado. Alguns historiadores o denominam a partir da caligrafia FRACTUR-SCHRIFT (Alemanha), do século XV. Este estilo foi aperfeiçoado pelos ingleses no século XVII. As letras maiúsculas são divididas em 4 grupos para o seu aprendizado.

I, F, J, L, E, H, K

C, G, T, O, Q

U, A, P, B, R, N, Y, M, V, W

D, S, X, Z

Os primeiros manuais de escrita caligráfica surgem em Itália a princípios do século XVI, devido ao interesse dos humanistas em estabelecer uma série de normas que regulem a aprendizagem dos padrões caligráficos.

Em Espanha segue-se os padrões italianos, com algumas alterações, ditadas pelo idioma castelhano. Aparecem as obras de Juan de Yciar, logo continuada por Francisco de Lucas, este último admirado por Pedro Díaz Morante.

Giovanantonio Andrea Tagliente, mestre calígrafo

Caligrafia em Portugal (Andrade, Ventura e outros)

Espanha

Juan de Yciar

Francisco Lucas (1580, Arte de Escribir)

Pedro Díaz Morante

Marcos Ruelas

Inglaterra

Martin Billinsley, The Writing Schoolmaster, or the Anatomie of Fair Writing. Este autor foi o writing master de Charles I.

George Bickham (pai e filho)

Charles Snell

EUA

Caligrafia comercial nos Estados Unidos

Nos Estados Unidos da América, as formas caligráficas são diferentes das europeias; resultam de uma tradição de penmanship (destreza caligráfica), representada por uma série de mestres e das suas escolas privadas: P.R. Spencer, A.N. Palmer, Zaner e outros.

Platt Rogers Spencer

Platt Rogers Spencer (1800–1864) teve a noção que os EUA precisavam de uma escrita manual «que pudesse ser escrita rápida e legivelmente, e elegante para ser empregue tanto na correspondência comercial como nas cartas pessoais».

O seu Spencerian Script foi desenvolvido em 1840, e pouco depois começou a ser leccionado numa escola que Spencer fundou para o efeito. Os formadores diplomados na escola de Spencer começaram a replicar este estilo caligráfico fora dos EUA, e o Spencerian Script chegou até às Common Schools do Reino Unido.

Como Spencer faleceu em 1864, não presenciou o grande sucesso do seu método; foram os filhos que se encarregaram de continuar a missão do pai, publicando o manual Spencerian Key to Practical Penmanship, em 1866.

Antes da Guerra Civil, Spencer foi indiscutivelmente o rei da caligrafia. O Spencerian Script tinha-se tornado o standard writing na América do Norte; o seu grau de notoriedade só começou a ser ofuscado na década de 1920, com o triunfo da máquina de escrever. Mas também já começava a ser substituído por um estilo mais simples e sóbrio: o Palmer Method.

Austin Norman Palmer

Austin Norman Palmer (1860–1927) inovou a caligrafia comercial com um método desenvolvido por volta de 1888 e apresentado ao público em 1894, já patenteado como Método Palmer de Caligrafia Comercial.

O manual correspondente foi um grande êxito: em 1912, já um milhão de exemplares se vendera nos EUA. O método baseava-se numa série de normas, e era treinado em exercícios práticos e fáceis de realizar, de carácter repetitivo (drills).

Tinham por objectivo que o praticante acabasse por adquirir uma certa espontaneidade nos movimentos que executa ao escrever, de maneira que adquira automatismo e fluência. É um método claro e resumido, vocacionado para a escrita comercial, embora também se propagasse extensamente no ensino escolar primário.

Existem vários tipos de Caligrafia Palmer, bastante similares: uma letra clara, legível, fluida e rápida de executar – os elementos fundamentais de uma escrita cursiva, ligada. O método desenvolvido por Palmer tornou-se rapidamente o sistema de letra mais popular nos EUA.

Mas para ensinar handwriting numa escola, Palmer exigia como condição que os formadores fossem adequadamente treinados no seu método, visto que «teachers cannot teach what they do not know». O seu enérgico entusiasmo era contagiante e influenciou muitos estudantes e instrutores, um pouco por todos os estados dos EUA.

Charles Paxton Zaner

Charles Paxton Zaner (1864-1918) atingiu alguma notoriedade com a escola que manteve com o seu parceiro Elmer W. Bloser. Com o advento do Vertical Writing, considerado mais próprio para a escrita escolar, Palmer perdeu popularidade.

Em 1889, a American Book Company oferecia o American System of Writing, uma adaptação de alfabetos escolares desenvolvidos em Viena por Bayr e Scharff, uma letra «bela, simples, legível», conforme apregoa o prospecto. O livro Barne's National Vertical Penmanship foi posto no mercado pouco mais tarde, em 1898, pela Merican Book Company.

Mestre-calígrafo do Maneirismo.

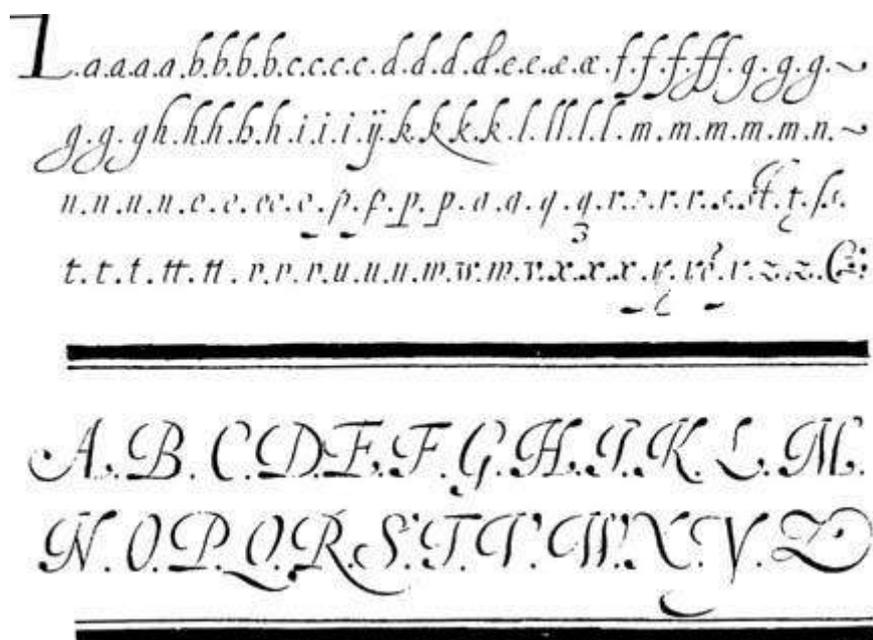
Martin Billingsley introduziu a sua memorável obra *The pens excellencie, or the secretaries delighe* em 1618. A obra contém apenas 25 páginas de texto impresso, estas envolvendo 20 páginas com xilografuras que mostram as diversas writing-hands, incluindo caligrafias do alfabeto grego e do hebreu.

Martin Billingsley não delegava a execução das gravuras a terceiros, como o faziam outros autores, e teve todo o brio em executar as suas próprias gravuras. E afirmava com grande orgulho jamais ter copiado:

«This is my Glory, That I haue not plaid the Theefe with any man, (though it were in my power to haue done it), But quicquid scripsi, scripsi: whatsoever I haue written, I haue done it my selfe.»

Nos seus comentários sobre a antiguidade, a excelência e a diversidade, Billingsley define, seguindo as convenções da época, os seguintes estilos caligráficos: Secretary, Bastard Secretary, Roman, Italian, Court e a Chancery.

O livro indica também como afiar penas de ave e o modo correcto de segurá-las. Para o pragmático Billingsley, a arte de escrever era uma arte simples; devia aprender-se e aperfeiçoar-se não tanto através de complicadas construções geométricas, mas por simples emulação. Uma arte que um mestre passava aos seus discípulos, tida em grande estima, mas também funcional e prática, para ser aplicada em qualquer ocasião, em qualquer tipo de documento.



The Italic Hand - Martin Billingsley, 1618

Caligrafia Gótica

A escrita gótica tem mais de 800 anos de idade. Ela é uma das caligrafias mais difíceis e ornamentadas existentes atualmente.

Meça a largura da ponta da sua caneta. As letras góticas minúsculas devem ter 5 vezes o tamanho da medida da ponta da caneta; os ascendentes e descendentes devem ter 2 medidas a mais; as maiúsculas são feitas com 6 medidas.

Usando uma régua, faça linhas de lápis em toda a página baseando-se na altura-x (altura da letra minúscula x). Isso significa que, se a ponta da caneta tiver 3 mm de largura, você precisará de uma linha de 15 mm de largura para as letras minúsculas. Na imagem, as linhas foram feitas a caneta para que fiquem mais visíveis, mas elas geralmente são feitas a lápis para apagá-las posteriormente.

Adicione duas medidas de largura extras na parte superior e inferior da altura-x para os ascendentes e descendentes.



Divida ao meio as duas larguras extras superiores com outra linha, a fim de obter as seis medidas de caneta para as letras maiúsculas.

Segure a caneta ou pena em um ângulo de 40 graus (ver imagem).

Olhe o modelo de caligrafia gótica. Familiarize-se com a forma das letras e, em seguida, reproduza-as dentro das linhas.

Pratique a caligrafia regularmente. No começo, as letras parecerão trêmulas e estranhas, mas elas melhorarão se você dedicar-se ao novo passatempo.

Coloque a caneta ou canetinha hidrográfica em um ângulo de 0 grau.

Faça um traço ascendente.

Faça um "círculo". Vire a caneta de 1 grau a 0 grau na parte superior ou inferior.

Repita até obter o número de detalhes desejados.

Não escreva tudo em letras maiúsculas quando estiver usando a caligrafia gótica, por razões de legibilidade.

Um iniciante deve usar canetas com pontas mais largas no começo. Quanto menor a ponta, mais difícil torna-se o trabalho.

Compre um bom livro de caligrafia ou visite sites de caligrafia na internet.

Você deve estar muito confiante na escrita antes de começar a adicionar floreios nas cartas.

Um iniciante deve começar preferencialmente com uma caneta com ponta de feltro, não uma pena.

Se você estiver utilizando uma pena, use um pincel para aplicar a tinta na ponta, pois ficará mais nítido.

Materiais Necessários

Pena e tinta ou caneta com ponta de feltro para caligrafia

Papel espesso

Régua

Lápis

Pincel (opcional)

Borracha

Modelo de caligrafia gótica

A caligrafia é a arte da escrita. Elegante e fina. A escrita é um meio de comunicação por sinais preestabelecidos. Podemos gravar, imprimir e escrever à mão. Podemos gravar em pedras, metais ou madeira, Podemos imprimir em papel. Gravar e imprimir, porém, são formas de escrevermos de modo padronizado, impessoal.

Diferentemente, os manuscritos - textos escritos à mão - possuem uma forma pessoal, possuem o estilo próprio, de quem escreve. As formas antigas e atuais desta arte, nos mostram que a grafia manuscrita possibilita infinitas variações pessoais e artísticas. Mudanças e comportamentos em modismos através da história mudam as tendências de emoções humanas, bem como as suas formas de expressão.

Caligrafia Coulée

È a caligrafia nacional francesa é bastarda da italiana. Usada na França desde o século XVIII. Diferente da italiana pelas hastes mais alongadas. Esta arte também é feita com pena cortada.

No início dos tempos populares, era escrita com leve inclinação à esquerda e alguns calígrafos assim ainda a traçam.

Os primeiros bonitos exemplos apareceram na França em 1671. A Coulée ou cursiva francesa é escrita com um pouco mais de velocidade do que a italiana.

Caligrafia Ronde

Redonda ou “ronde” (redonda em francês), possui grande afinidade com a italiana. A França foi também artisticamente famosa pelo seu legado em 3 tipos de caligrafia – Coulée, manuscrita ou cursiva e a ronde. Em escolas de arte, primeiramente ensina-se o domínio da coulée. Depois a ronde começa a ser aprendida e executada. A caligrafia ronde é reta, não tem inclinação e não se deve exercer maior pressão sobre o papel, para que os traços descendentes não se tornem mais largos que os ascendentes.

Caligrafia Gótica

A caligrafia gótica foi também chamada na Antigüidade de CAROLINA, em homenagem a Carlos Magno, no século X, que deu grande divulgação a esta arte, por ser um grande incentivador da literatura, artes e ciências. Por seus traços elegantes tornou-se popular até o século XV. Devido à praticidade, a gótica caiu em desuso diário, para tornar-se apenas artes, sendo esta valorizada até os dias de hoje.

O alfabeto gótico é dividido em dois grupos para as letras minúsculas.

a, c, e, i, m, n, o, r, u, v, w, x, t, l, f e p.

b, d, g, h, k, q, s, y e z.

O Estilo Gótico Alemão

Também chamado de moderno, pois foi um dos últimos a ser empregado. Alguns historiadores o denominam a partir da caligrafia FRACTUR-SCHRIFT (Alemanha), do século XV. Este estilo foi aperfeiçoado pelos ingleses no século XVII. As letras maiúsculas são divididas em 4 grupos para o seu aprendizado.

I, F, J, L, E, H, K

C, G, T, O, Q

U, A, P, B, R, N, Y, M, V, W

D, S, X, Z

Caligrafia Inglesa

Derivada da caligrafia Irlandesa era ensinada por missionários católicos, antes do século VII. A comunicação com Roma naquela época, era muito difícil, por isso as modificações foram feitas de acordo com a região e os materiais (penas) existentes, assumindo, portanto, uma característica própria.

Após o século VII, tornou-se mais arredondada com leves ornamentos, até ganhar ângulos e muita inclinação, traços que conserva até os dias de hoje.

Suas características principais são: a linha reta, a curva e a mista. As letras fundamentais é o I e O.

O alfabeto resulta da união desses elementos. A inclinação que era originalmente de 45° passou a ser de 52° assumindo, portanto, um traçado menos inclinado e mais elegante.

Caligrafia Comercial, Corrente ou Manuscrita

Este tipo, também inicialmente é batizado como ROMANA, nasceu no século I e floresceu entre os séculos V a XII. Foi difundida com o nome de CHANCELARIA IMPERIAL, após modificações feitas pelo italiano Marcelo Scalzino. Suas características são: inclinação de 20° à direita, com porções

superiores e inferiores bem pronunciadas, terminando em traços e hastes em filetes ou anéis bem fechados.

Neste tipo de arte, na Antigüidade, um outra característica grifava a arte. A letra m era sempre mais estreita que as demais. Esta é a arte que antecedeu a manuscrita comercial, passou a ser desenhada em tamanho menor, com ligações entre as letras, feitas por filetes.

Essa ligação era traçada de maneira que a mão levantava-se do papel apenas uma vez, terminada a palavra. A manuscrita comercial também adquiriu um formato mais redondo com inclinação a 45° e mais tarde a 53°, por questões estéticas.

Os grupos de letras são os mesmos para a comercial e para a inglesa:

a, e, i, m, n, o, r, s, u, v, w, x, z.

t, d, b, l, f, h, k.

g, j, p, q, y.

Os algarismos usados nesta caligrafia são os ARÁBICOS.

Caligrafia Comercial Alemã

Uma caligrafia muito elegante com traços finos. As minúsculas possuem formatos diferentes. As letras c, e, m, i, n, e u não são suficientemente arredondadas para o nosso padrão de escrita, mas terminam em hastes cheias. Aplicamos a este tipo de arte, os mesmos princípios adotados para a inglesa.

Caligrafia Italiana

A caligrafia italiana, também é conhecida como BASTARDA, por ser ilegítima a partir da latina (um desvio de traçado), foi a caligrafia oficial na Itália, nos séculos III, IV e V. Ainda nos dias de hoje, esta arte é utilizada em lápides. Podemos também citar outra característica: a caligrafia italiana é uma modificação da CHANCELARIA IMPERIAL, com traços artísticos próprios. Esta arte é feita com pena de PONTA CORTADA e inclinação de 66°. Os traços cheios ascendentes, são iguais aos traços cheios descendentes. As porções

superiores não tem forma de anel, porém as porções inferiores são aneladas. A caligrafia italiana é muito utilizada em importantes e artísticos textos, até os dias de hoje.

Os grupos obedecem a seguintes ordem:

a, m, n, y, u

c, e, g, l, o, n

f, i, j, k, h, t

b, p, r

d, q, s, v, w, z

Este tipo de arte é muito usado no mundo todo.

Bico de pena

Bico de pena ou aparo é uma ferramenta usada para escrita e desenhos. Atualmente utilizada principalmente na arte da escrita, a pena é famosa pelo seu formato que permite aos artistas usufruir facilmente do chamado "efeito fino-grosso" do traço. Esse efeito costuma ser usado para dar volume aos desenhos, embora possa ser feito também com um pincel. Existem diversos tipos de penas e também diversas grossuras, cada um com seu traço específico e características próprias. Atualmente, o mesmo efeito pode ser obtido por meio das canetas bico de pena.

Alfabeto



A Specimen de impresso de fontes e idiomas, de William Caslon, de 1728

Alfabeto ou Abecedário é uma forma de escrita de signos e significados classificada como "segmental", pois possui grafemas que

representam fonemas (unidade básica de som) de uma língua, podendo ser classificada também como uma escrita fonética, pois procura representar os fonemas por um determinado signo.

A palavra é de origem grega (alfabetos), através do latim (alphabetum), constituída pelas duas primeiras letras do alfabeto grego (alfa e beta, correspondentes às nossas letras A e B, respectivamente), e significa um conjunto de letras mas não são usadas para escrever.

Apesar de ter se tornado comum o termo alfabeto por alfa e beta, o idioma fenício séculos antes já trazia Alef e Bet, as duas primeiras letras. O alfabeto tem uma ordem que se emprega por exemplo, para a ordenação em dicionários e enciclopédias em papel, ou em listas de coisas.

O alfabeto em uso na língua portuguesa é o alfabeto latino, do qual se usam 26 letras:

Alfabeto:

A – B – C – D – E – F – G – H – I – J – K – L – M – N – O – P – Q – R – S – T –
U – V – W – X – Y – Z

Principais alfabetos

Alfabeto latino

Também conhecido como alfabeto romano, é o sistema de escrita alfabética mais utilizado no mundo, e é também o mais utilizado para escrever a língua portuguesa e a maioria das línguas da Europa ocidental e central e das áreas colonizadas por europeus. Ao longo dos séculos XIX e XX, o alfabeto latino tornou-se também o alfabeto preferencialmente adotado por várias outras línguas, em especial pelas línguas indígenas de zonas colonizadas por europeus que não tinham sistemas de escrita próprios.

O alfabeto latino, utilizado pelos romanos a partir do século VII a. C., derivou do alfabeto etrusco, que por sua vez evoluiu a partir do alfabeto grego. Das 26 letras etruscas, os romanos adotaram 20: A, B, C, D, E, Z, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, X. Depois de alguns séculos, foram inseridas gradualmente as demais letras.

Alfabeto grego

O alfabeto utilizado na Língua grega foi desenvolvido em torno do século IX a.C., sendo utilizado até os dias de hoje, tanto no grego moderno como também na matemática, física e astronomia. O alfabeto grego foi escrito mediante um silabário, utilizado em Creta e em zonas da Grécia continental entre os séculos XVI a.C. e XII a.C. é conhecido como linear B.

O Grego que reproduz tem semelhanças com uma versão passada dos dialetos Arcado-cipriota e Jónico-ático, dos quais provavelmente é antepassado. É conhecido habitualmente como grego micênico. Acredita-se que o alfabeto grego deriva de uma variante do semítico, introduzido na Grécia pelos fenícios. Dado que o alfabeto semérico não necessita de notar as vogais, ao contrário da língua grega e outras da família indo-europeia, como o latim e em consequência o português, os gregos adaptaram alguns símbolos fenícios sem valor fonético em grego para representar as vogais. Este facto pode considerar-se fundamental e tornou possível a transcrição fonética satisfatória das línguas Europeias.

Alfabeto cirílico

O alfabeto glagolítico foi criado pelos missionários cristãos bizantinos Cirilo e Metódio, ou por seus discípulos, para fornecer uma base escrita para as línguas eslavas. Baseado principalmente nos alfabetos grego e, para os sons não-helênicos, no glagolítico, o cirílico é ainda hoje usado por boa parte das línguas eslavas, bem como por diversas línguas não-eslavas faladas no território correspondente à antiga União Soviética.

Alfabeto glagolítico

O alfabeto glagolítico foi criado pelos missionários cristãos bizantinos Cirilo e Metódio para fornecer uma base escrita para as línguas eslavas. Hoje em dia não é mais usado, tendo sido suplantado pelo alfabeto cirílico.

Alfabeto hangul

Criado pelo Rei Sejong e implantado em 1446, é o alfabeto utilizado na Língua coreana e foi criado para substituir os Hanjas (logogramas advindos da China). Apesar de se parecer com um sistema de escrita silabário, consiste em blocos silábicos que unem letras individuais de acordo com a forma de cada uma delas.

Escritas não-alfabéticas

Existem diversos outros sistemas de escrita que, por não representarem os fonemas das palavras, não são chamados de alfabetos. Dentre eles, podemos citar:

Abjads ou consonantários: sistemas em que apenas as consoantes de uma palavra são representadas como símbolos escritos, enquanto as vogais são pressupostas ou indicadas com diacríticos. Entre os exemplos mais notáveis, temos os abjads árabe, hebraico e siríaco.

Abugidas ou alfassilabários: sistemas em que os símbolos principais são consoantes e alguns traços modificadores são adicionados para marcar, adicionar ou suprimir vogais. Um exemplo é a escrita devanagari.

Silabários: sistemas de escrita em que o símbolo básico indica sílabas, como o katakana, hiragana e a escrita etíope.

Logogramas: sistemas em que os símbolos denotam imagens ou ideias abstratas, em vez de sons da língua. Exemplos são a escrita chinesa e os hieroglifos egípcios.

Escrita

Um sistema de escrita, ou simplesmente uma escrita, é um tipo de comunicação por símbolos(chamados caracteres ou grafemas) usado para registrar visualmente uma língua falada, com o propósito de comunicação.

Classificação

A maioria dos sistemas de escrita pode ser classificada nas seguintes categorias:

sistemas logográficos, em que os grafemas são logogramas (ideogramas ou pictogramas) que denotam palavras ou conceitos;

sistemas silábicos ou silabários, em que os grafemas representam sílabas;

abugidas, em que os grafemas principais representam consoantes à qual está associada uma vogal inerente, e a mudança ou ausência de vogal é representada por diacríticos;

abjads, em que os grafemas principais representam consoantes, e as vogais são representadas por diacríticos;

sistemas alfabéticos ou alfabetos, em que os grafemas representam consoantes ou vogais;

sistemas mistos, que combinam elementos das categorias anteriores.

Caligrafia coral



Pode não parecer, mas cada tipo de caneta pode modificar sua caligrafia. Caneta grossa ou fina, tanto na dimensão, quanto na espessura da ponta fazem a diferença na escrita.

Portanto, tente experimentar vários tipos diferentes de caneta para identificar qual delas pode colaborar melhor com a otimização de sua escrita. Esse é o primeiro passo.

O segundo passo diz respeito à análise da sua letra atual, que poderá ser feita da seguinte maneira:

Quais são as características mais marcantes de sua letra?

Quais características você não gosta e quer mudar?

Qual é o ângulo da sua letra?

Sua escrita é desigual ou segue um padrão? (redonda, grande, pequena, deitada, etc)

Como você gostaria que sua letra fosse?

Tem algum modelo para se espelhar?

A partir dessa análise, você terá um norte para se empenhar em melhorar sua caligrafia. Escreva um ou dois parágrafos, seja de uma letra música, e analise sua letra para ter uma noção do que mudar.

O alinhamento da escrita é fundamental para que sua caligrafia apresente um bom visual. Veja algumas dicas para melhorar o alinhamento da sua escrita:

Tente escrever cada letra do mesmo tamanho.

Tente alinha sua escrita com as linhas do caderno.

Deixe sempre as frases alinhadas à margem da folha.

Sempre escreva sobre a linha base do caderno.

A função do espaçamento traz o mesmo objetivo do alinhamento, deixar sua caligrafia com um visual mais atrativo. Quando as palavras ficam muito juntas ou separadas demais, podem dificultar a leitura.

Tente manter um padrão de espaçamento entre as palavras. Isso dará mais qualidade à sua caligrafia e consequentemente lhe ajudará a melhorar sua letra.

O objetivo da escrita não é causar muito esforço nem se tornar uma atividade exaustiva, principalmente se você costuma escrever muito durante o dia. Uma técnica que funciona é não aplicar força demais ao escrever.

Tente pegar de forma suave na caneta e deixar que ela deslize sobre a folha de maneira natural. Caso você perceba que a escrita deixa marcas do outro lado da folha, diminua a força aplicada.

Essa prática também irá te ajudar a deixar sua escrita mais bonita. Quanto menor o esforço, melhor a qualidade da letra.

Definitivamente não há como ter uma caligrafia bonita, se seu braço não estiver apoiado corretamente. Da mesma forma, se você utiliza os dedos indicador e polegar para segurar a caneta, você precisa dos outros dedos como apoio.

O apoio é fundamental para que você tenha sucesso em sua caligrafia, para ganhar maior estabilidade, não cansar os músculos e ter domínio na escrita.

A princípio, quando você estiver treinando sua escrita, não tente escrever rápido demais. Como você ainda estará em fase de aprendizado, qualquer deslize poderá comprometer sua caligrafia. Aí todo esforço será perdido.

Quando você já tiver dominado a escrita e conseguir melhorar suas técnicas, aí sim pode começar a treinar a velocidade.

Aa Bb Cc Dd Ee
Ff Gg Hh Ii Jj
Kk Ll Mm Nn Oo
Pp Qq Rr Ss Tt
Uu Vv Ww Xx Yy
12345 — 78 — 67890

